

Favelas, Caiados e soluções finais

Os holofotes acompanham o ritmo imposto pela estampa do Super-Homem moralizador

Alípio M. Paiva Mendes Jr.

Zero por cento no Ibope. Então, pra que me preocupar com aquele projeto alucinado de deportação de vinte milhões de favelados para a Amazônia além do que a imprensa já o fez? De mais a mais, o presidenciável da UDR deu o assunto por encerrado dizendo que não disse o que pensou. Ou, que não pensou o que disse, sei lá. Muito bom que as coisas funcionem assim. Enquanto o tal de Ronaldo Caiado pensar em faixa de presidente não terei com que enrugir a testa. Ele dirá uma besteira aqui e outra ali. De vez em quando, pressionado, um vigoroso desmentido... e nada mais. Não leva pinta de bom de urna.

Existe um tipo de liderança que se encaixa perfeitamente em intervalos rápidos mais importantes. Quando os senhores das terras brasileiras se apavoraram com a possibilidade de uma reforma agrária efetiva, o jeitão caiadista de agir e falar funcionou como uma luva. Foi até muito fácil, então, mobilizar trezentos mil proprietários rurais para a velha santa cruzada anticomunista, armar uma imperdível passeata de trinta mil pessoas em Brasília — meio compulsória, com peões convocados, evidentemente — e apostar no interesseirismo ou pusilanimidade de boa parte dos nossos parlamentares que acabaram por decidir que a melhor reforma agrária é reforma agrária nenhuma.

Honra seja feita, no exato instante em que aconteceu aquele pesadelo de decisão, ganhamos o responsável simbólico pela cota-parte majoritária do inferno de tensão que é hoje a grande cidade brasileira. Caiado, com seu talento tefepista, inviabilizou qualquer possibilidade de cirurgia curativa urbanística pelo simples fato de que transformou um fluxo migratório, que deveria ser urgentemente detido, em processo permanente e inevitável. Natural que ensaiasse um discurso solucionador-definitivo para questões fundamentais como favelas, mendicância, violência urbana...

Aí, cheguei a pensar que o negócio ia sair do amadorismo. Precisamente ELE, com o disparate que disse, reabriu a discussão (?).

Mas, reabriu para quem?

Quem acreditou e torceu — como o bobo que vos fala — para que o ano da eleição do presidente da República fosse um ano de sérios debates sobre os grandes problemas nacionais está quebrando a cara. Eleição, cá como lá, é marketing. E o marketing diz, neste momento, que não tema nada a ver ficar rebatendo ou corroborando teses de direitistas raivosos. O eixo da campanha é a imagem. Os holofotes acompanham o ritmo imposto pela estampa do Superhomem moralizador. Todos procurando o vácuo.

Não deixa de ser desgraçadamente engraçado observar algumas características e posturas.

Como a de Brizola, que executa como ninguém aquele personagem do desenho animado *Corrida maluca* — o Dick Vigarista: todo o tempo preparando uma rasteira em que ousou ultrapassá-lo.

Já o Lula, coitado, está completamente grogue. Um mínimo de análise de sua expressão revelará o nó cego e apertado que foi dado em sua cabeça. O *appeal* do PT, fora ABC paulista, estava na graciosidade de ser o segundo partido de deus e do mundo. Aquela história de radical chic. A mídia, dessa vez, não vai colaborar: é a gremiação da baderna, dos piquetes agressores. Bem feito. Quem mandou não bater na criança enquanto ainda era pequena? Sugiro a Lula a expulsão da Erundina, do Buaiz, do Dutra e de todos os outros prefeitos petistas. Ideologia de contrapoder exercendo poder secundário é suicídio político.

E o Sr. Diretas, hein? Que coisa! O Dr. Ulysses... *well...* negar-lhe a presidência passa até por respeito à coerência da estética. É o mais notável exemplo de similaridade física com as próprias idéias que temos.

Decididamente, não me entusiasma entrar nessa roda de avaliação. Sinto-me agredido quando o dilema do meu voto se resume num *quem*. Se acontece, sacudo a cabeça e retomo o "votar no que". Faço o agora.



*Ronaldo Caiado:
enquanto os
senhores de
terra estavam
apavorados, seu
jeitão caiu como
uma luva*

O caldo de cultura (acho linda essa expressão) em que vai se firmando o perfil do presidente dos sonhos dos brasileiros tem muita — mas muita — compatibilidade com as soluções finais que surgem das bocas de homens típicos de organizações como a UDR. Os botequins-termômetros da Zona Sul do Rio de Janeiro talvez não tenham o charme político das cervejarias de Munique na República de Weimar. Mas são capazes de produzir primores de desfechos nazi-fascistóides que fariam Goebbels retomar anotações. Se o problema da cidade é a violência, bandido bom é o bandido morto (bandidinho, é claro); se é mendicância, uma bola de sessenta quilos nas pernas e uma boa enxada fazem milagres (não faltam saudosos do Rio da Guarda); se é desemprego e favelado, por que não

uma implantação à força nos confins do Amapá?

Digo tudo isto porque já vi e sei na carne. Como membro efetivo da classe média estagnada — com algumas es-corregadelas — tive e tenho meus rom-pantes falangistas. Certa vez, à saída do túnel Dois Irmãos — Rocinha na boca — explodiu um saco plástico cheio de urina em meu ombro. Vai ver, atirado por alguma criança em flagrante cianice. Pois foi o bastante para que olhasse aquele monstruoso amontoado de casas nojentas com o ódio de um comandante de bens treinados SSS. Lamentei não ser dia de eleições. Votaria, sem pestanejar, em qualquer Benito. Se o Amaral Netto não se candidatasse, é lógico.

Taras pessoais à parte, estou começando a ficar apavorado. Algo endiabrado me diz que meus minutos de in-transigência fascista são representativos de um muito mais demorado momento coletivo brasileiro. Que está ganhando consistência de bolo de mandioca. O Brasil-desespero. E não se discute isso, mas, sim, como é que se tira proveito disso.

O sociólogo americano Herbert Gams sustenta que a pobreza é necessária porque cumpre o papel de sustentação de um enorme mercado de trabalho: de criminólogos a jornalistas engajados.

Caso decidisse fazer um capítulo especial sobre nosso Brasil, ele enriqueceria seu trabalho com um tratado sobre a alternância de poder que a idéia de miséria, por aqui, dá. Se alguém se elege com o discurso de que colocará teleféricos nos Vidigais da vida, outro alguém, da próxima vez, se elegerá com o contradi-scurso da eliminação completa da violência urbana em seus meses. Pra quem gosta de frase feita, é uma no cravo e outra na ferradura. Ou se tira proveito do voto dos deserdados enquanto massa, ou se convoca a assustada camada média para dizer que a protegerá justamente da potencialidade criminosa dos "have not".

Os baluartes do conservadorismo estão extasiados com a constatação de que o novo presidente será eleito num universo muito distante do que possa parecer progressismo clássico. A mé-dia ponderada da opinião pública está

pronta para avaliar a sagrada proposta das elites esterotipadas na destruição do "inimigo-de-todos", que, por sinal, nada tem a ver com estruturas sócio-político-econômicas. Ele é, isoladamente, um quisto maldito de corrupção e imoralidade que, uma vez estirpado, cessará de irradiar seus efeitos mortais. Então, o Brasil sairá feliz da UTI. Pouca diferença fará se Collor não tiver fôlego pra segurar o bisturi. Não sendo ele, será outro de inteira confiança. E mais, digamos, destro ainda (Aureliano? Aff?). Comemore o remanescente da Marcha da Família com Deus. Pare de pensar em quartéis assanhados. Está consolidada a concepção de que o importante é reconhecer que os habitantes legais das metrópoles não querem porque não querem e pronto — causas não importam — que se ande tropeçando em mendigos, que Naldos e Buzungas deem tiros de metralhadoras para cima e que neguinhos magricelas esfreguem panos sujos em seus pára-brisas nos sinais fechados. Guardai os apontamentos, sociólogos e urbanistas. Não se vislumbra qualquer possibilidade de aprofundamento de discussões sobre os efeitos do sistema de qualidade de vida.

Com setenta por cento da população brasileiro trocando empurrões nas cidades, arriscamo-nos a chegar a 15 de novembro com apenas uma proposta concreta: a de Ronaldo Caiado, a da solução final. Como ele não vai ser eleito mesmo (amén e amén), daremos cheques em branco — manchado com clado de galinha verde — a outro fala-nada qualquer. Confirmado está, que passaremos mais cinco anos e pouco lendo e ouvindo pensamentos e explicações de tudo quanto é economista tupiniquim que tenha título de mestre para cima.

É.

O supermercado circense está aberto. Tem Moisés de esquerda com recheio de direita, tem Indiana Jones especialista em destruir templos de perdição, tem Perdido no Espaço, tem Faraó sem gazed.

E tem você pra comprar.

Fatalista? Eu? Não. Provocador mesmo.